# CAMINHOS DA VI JORNADA DE CINECLUBES

A VI Jornada Nacional de Cineclubes, realizada em Fortaleza, de 19 a 23 de julho do corrente ano, foi uma importante manifestação do movimento cineclubista brasileiro. O simples fato de seis jornadas terem sido realizadas num país onde a classe profissional do cinema só conseguiu, até hoje, reunir-se duas única vêzes, enquanto a crítica só o fêz, em convenção, uma só, atesta o elevado estágio de organização que alcança a atividade dos cineclubes brasileiros.

Êste movimento abrange todo o Brasil, através de Federações que agrupam, regionalmente, numerosos clubes de cinema. As Federações, por sua vez, reúnem-se no Conselho Nacional de Cineclubes, cujo atual sede é Pôrto Alegre.

As Jornadas vinham-se realizando bienalmente. Por decisão do plenário de Fortaleza, passarão a ser anuais. A de 1968 terá lugar em Brasília, para onde será transferida, em caráter defenitivo, a sede do Conselho, enquanto a de 1969 terá lugar em Manaus.

Do ponto de vista de representatividade a VI Jornada de Fortaleza foi a mais expressiva de tôdas. Lá estiveram representantes das seguintes entidades do cineclubismo brasileiro: 1) — Federação Gaúcha de Cineclubes, de Pôrto Alegre; 2) — Cineclube Pro Deo, de Pôrto Alegre; 3) — Serviço de Cinema do Estado, SERCE, de Pôrto Alegre; 4) — Centro dos Cineclubes de São Paulo; 5) — Federação Internacional de Cineclubes, seção do Brasil; 6) — Foto-Cineclube Bandeirante, de São Paulo; 7) — Clube de Cinema da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, do Estado de São Paulo; 8) — Cineclube Universitário, de Belo Horizonte; 9) — Clube de Cinema de Brasília; 10) — Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro; 11) — Cinemateca do Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro; 12) — Cineclube de Campo Grande, do Mato Grosso;; 13) — Clube de Cinema da Bahia, de Salvador; 14) — Clube de Cinema de Sergipe, de Aracaju; 15) — Cineclube Projeção 16, de Recife; 16) — Cineclube Tirol, de Natal, Rio Grande do Norte; 17) — Cineclube Federico Fellini, de João Pessoa, na Paraíba; 18) — Universidade Regional do Nordeste, de Campina Grande, na Paraíba; 19) — Federação Norte-Nordeste de Cineclubes, de Fortaleza; 20) — Clube de Cinema de Fortaleza; 21) — Cineclube do DDC, de Crato, no Ceará; 22) — Cine-Debate 25 de Junho, de Fortaleza; 23) — Cineclube Escola de Engenharia, de Fortaleza; 24) — Grupo de Estudos Cinematográficos, de Mecejana, no Ceará; 25) — Cineclube Teresinense, de Teresina, Piauí; 26) — Grupo de Estudos Cinematográficos do Amazonas, de Manaus 27) — Cineclube do Recife; 28) — Conselho Nacional de Cineclubes, de Pôrto Alegre.

## PRESENÇA DO INC

A viagem que o presidente do INC, sr. Durval Gomes Garcia, efetuou, recentemente à Europa, onde estabeleceu importantes conversações para a colocação de filmes brasileiros no mercado internacional e a celebração de acôrdos de co-produção, o impediu de comparecer, como era de seu desejo, à reunião de Fortaleza. Em sua ausência fomos incumbidos de representar a autarquia, na qualidade de diretor do Departamento do Filme Educativo, ao qual está, naturalmente, afeto o problema da atividade do curta-metragem, do cineclubismo e do ensino cinematográfico nas escolas brasileiras.

A ação do INC desperta considerável interêsse entre os cineclubistas de todo o país. Pode-se perceber entre êles uma confiança irrestrita do órgão na reformulação de uma política de estímulo e apoio a uma atividade cultural de grandes perspectivas. Essa a razão de nossa honrosa escolha para Presidente de Honra da VI Jornada de Fortaleza. Participamos de todos os atos e reuniões do conclave, prestando esclarecimentos sôbre as possibilidades de ajuda do INC, participando dos debates e, principalmente, anotando as sugestões e reivindicações dos cineclubistas brasileiros.

Essas reivindicações englobam diversos setores educativos, culturais, amadorísticos e profissionais. A ênfase dos debates e intervenções foi dada, contudo, ao problema do ensino do cinema nos estabelecimentos escolares do Brasil. O tema CINEMA-ESCOLA fôra aliás, oficialmente escolhido para a VI Jornada de Fortaleza.

Durante as reuniões plenárias, realizadas no Teatro José de Alencar, foram levantados e discutidos problemas de relevante interêsse para a cultura cinematográfica brasileira. Três comissões — a de Teses, a de Assuntos Técnicos e Normativos e, finalmente, a de Rosoluções Finais — centralizaram os debates relativos às teses e proposições submetidas ao plenário. Uma delas, referente à questão da Censura, provocou, como era de esperar-se, discussões marcadas por uma tônica eloqüente e polêmica. Em síntese, a opinião dos representantes cineclubistas de Fortaleza defende a transferência da atividade censorial para o Ministério da Educação e Cultura ou, como também foi aventado, para o próprio Instituto Nacional de Cinema.

## UNIDADE CINECLUBE — INC

Durante a reunião de Fortaleza ficou patente a disposição dos cineclubistas brasileiros em prestar decidida colaboração ao esfôrço de desenvolvimento e consolidação do cinema nacional, ficando esboçada sua participação no esquema de fiscalização das leis que protegem, e que nem sempre são cumpridas em muitos pontos do país. Por sua expansão e amplitude nacional, o cineclubismo poderá ser uma fôrça ponderável nesse èsfôrço por cercar a atividade cinematográfica brasileira de um aparato legal e normativo que se imponha por sua ação nacional. Para consolidar essa unidade Cineclubes-Instituto Nacional do Cinema, e estabelecer as premissas para uma ação comum, ficou decidida uma reunião das Federações de Cineclubes, na sede do INC, no Rio de Janeiro, com a direção do Instituto.

## O ENSINO DO CINEMA

O problema do ensino do cinema nas escolas brasileiras constituiu tema central nos debates da VI Jornada. Os poucos e insatisfatórios cursos em funcionamento no país são produtos de esforços pessoais e pioneiros. Assim, por exemplo, o sr. Olavo Macedo de Freitas, presidente do Conselho Nacional de Cineclubes, relatou as atividades do curso mantido pelo Clube de Cinema de Pôrto Alegre, auxiliado, subsidiàriamente, pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. Nesse curso, segundo informou o sr. Macedo de Freitas, estão matriculadas pessoas de diferentes profissões e classes sociais, desde médicos, advogados, militares, professôres, eclesiásticos, funcionários públicos, comerciários, etc., até o público específico dos cineclubes e aficionados de cinema. Esta freqüência atesta o interêsse que o conhecimento da arte, da técnica e da economia do cinema desperta na população brasileira.

Uma das principais sugestões da VI Jornada, com referência ao problema do ensino do cinema, foi a de ser pleiteada, do Conselho de Reitores das Universidades e Conselho Federal de Educação, a criação oficial de cursos de cinema nas Faculdades de Filosofia, Ciên-

cias e Letras, além de cursos técnico-profissionais nas Escolas Industriais da rêde mantida, em todo o Brasil, pelo MEC. Propôs-se, igualmente, o estabelecimento de convênios do INC com os governos estaduais para a instituição de cursos de introdução ao cinema nos educandários de nível médio, fornecendo a autarquia federal material de ensino, livros, filmes e, inclusive, um corpo docente itinerante, formado e encaminhado pelo INC aos Estados da Federação. Da mesma forma, também poderia o INC constituir grupos docentes, constituídos por especialistas dos diferentes setores que compõem a atividade cinematográfica, e que fariam cursos intensivos nas escolas superiores nas Faculdades de Filosofia das Universidades Federais.

Com a criação e organização dos cursos de ensino cinematográfico de nível médio, superior e, eventualmente, de noções introdutórias ministradas nas 5.ª e 6.ª séries do curso primário, exerceria o INC uma magnífica ação educativa de enorme alcance cultural e técnico para as exigências do cinema brasileiro. Esta ação poderia, segundo pensamos, complementar-se com a planificação de um esquema subsidiário de bôlsas-de-estudos nos principais estabelecimentos de ensino, em funcionamento no país, como os de Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e Pôrto Alegre e, no plano internacional, de convênios entre o INC, Ministério das Relações Exteriores e governos dos países que mantêm instituições de ensino cinematográfico, como França, Itália, Polônia, Bélgica, Canadá, Inglaterra, União Soviética, Estados Unidos e Tcheco-Eslováquia. Êste convênio, aliás, já foi proposto pelo Departamento do Filme Educativo ao Itamarati, e no qual a reciprocidade, exigida para a concessão das bôlsas que a Divisão Cultural distribui anualmente, se estabeleceria com a vinda ao Brasil de professôres, diretores, críticos e técnicos de cinema dos países co-participantes do esquema já esboçado pelo INC, em estudos no Itamarati.

## A PRODUÇÃO DE FILMES

Em intervenção no plenário da VI Jornada, tivemos a oportunidade de relatar aos representantes cineclubistas, presentes em Fortaleza, a planificação que estamos realizando no Departamento do Filme Educativo do INC. Ela concentra-se em três pontos prioritários e fundamentais: 1.º) — a criação de uma rêde nacional de exibição escolar dos filmes e diafilmes produzidos ou adquiridos pelo Instituto. Essa rêde se comporá de Centros de Ensino Audiovisual que pensamos estabelecer, em convênio com as prefeituras, nos municípios brasileiros de maior população escolar, e constituídos por projetores cinematográficos de 16 milímetros, projetores fixos, sincronizados com gravações de aulas em fita magnética, além de uma Filmoteca Escolar, parte integrante de cada Centro, composta de filmes que focalizam temas curriculares de nível primário, médio e superior, além de películas de divulgação artística, arquitetônica, histórica, folclórica, etc. e, finalmente, de filmes de arte e cultura. 2.º) — Planificação da aplicação das verbas do Departamento na produção e aquisição de filmes e diafilmes, subordinada ao seguinte esquema: 50% para filmes didáticos; 25% para filmes de documentação, realizados segundo um roteiro geotemático, de interêsse cronológico ou gradativo, elaborado de comum acôrdo com órgãos oficiais de cada setor e, finalmente, 25% para filmes de assuntos gerais, mais livres, objetivando aprofundar pesquisas estéticas e culturais mais avançadas. 3.º) — Organização, finalmente, de uma rêde nacional de ensino cinematográfico e estabelecimento de bôlsas-de-estudo em escolas nacionais e estrangeiras, visando ao aprimoramento da mão-de-obra nacional.

Nossa intervenção nos debates de Fortaleza provocou a discussão do problema da produção de filmes de curta-metragem, encaminhando estudos para os caminhos que o movimento cineclubista pode seguir para alcançar a profissionalização. Destacou-se, nesse ponto, que uma ação audaciosa e pertinente do INC poderá inspirar uma nova tendência pela realização descentralizada de filmes documentários e, por via natural, também de longa-metragem, pelas novas gerações, dispersas no país.

## O II FESTIVAL

Conjuntamente com a VI Jornada Nacional de Cineclubes, realizou-se, também em Fortaleza, o II Festival do Filme Brasileiro de Curta-Metragem. O certame, de caráter competitivo, reuniu filmes e documentaristas de diversos Estados brasileiros. As projeções realizaram-se, à noite, no mesmo Teatro José de Alencar, participando do júri, além do representante do INC, os srs. Cosme Alves Neto, pela Cinemateca do MAM, Antônio Girão, pela Secretaria de Cultura do Ceará, Theodora Vergne, pela Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro, A. Carvalhaes, pelo Centro de Cineclubes de São Paulo, Olavo Macedo de Freitas, pela Federação Gaúcha, Geraldo Rocha, pelo Clube de Cinema de Brasília, Enondino Bessa, pelo Clube de Cinema de Fortaleza e, finalmente, B. de Paiva, pela Universidade Federal do Ceará.

22 curtos concorreram aos prêmios, entre os quais o instituído pelo INC, para o melhor diretor, tendo, na sessão solene de encerramento, o júri proclamado o seguinte veredito Melhor Filme (Prêmio Governador do Ceará), para **Interregno**, de Flávio Werneck, de Minas Gerais; Melhor Diretor (Prêmio INC: direção de um documentário), para Flávio Werneck; Melhor Fotografia (Prêmio Cinemateca do MAM), para Guacyr Moraes Aranha, no filme **Você Tem Uma Flor Que é Só Sua**; Melhor Comunicação Social (Prêmio da Universidade Federal do Ceará), para **O Casqueiro**, de Aron Feldman e, finalmente, Prêmio Especial do Júri, oferecido pela Secretaria de Cultura, para **A Roda e Outras Estórias**, de Sérgio Muniz.

## PARA CONCLUIR

Consideramos altamente fecundo o encontro de Fortaleza. Além de sua significação cultural inequívoca, a VI Jornada e o II Festival permitiram uma fértil troca de idéias e de experiência, inspirando a discussão de temas de interêsse direto para o movimento cineclubista e, por extensão, do próprio cinema brasileiro, considerado como uma soma de esforços, valôres e tendências.

Para o INC os conclaves de Fortaleza tiveram o mérito de estabelecer as premissas de uma colaboração que se pode desenvolver e aprofundar. O público dos cineclubes, formado majoritàriamente pela juventude, que é ardente e entusiasta, por sua natureza, é um importante aliado na batalha pela consolidação e progresso da atividade cinematográfica no Brasil.

Resta, agora, no campo de ação específico de cada um, colocar em execução as proposições de Fortaleza, estabelecendo-se um programa da ação comum e recíproca, criando-se as condições para que o potencial do cineclubismo se converta em fôrça atuante.